



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XIV — N.º 339 — Preço 1400  
2 DE MARÇO DE 1957

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS  
Vales de correio para Paço de Sousa — AVENÇA — QUINZENÁRIO

FUNDADOR  
PADRE AMÉRICO

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

## ANIVERSÁRIO

Era duma vez eu e Pai Américo na varanda do seu escritório. Um belo fim de tarde. Tarde quente, de verão. Ao longe, no horizonte, o sol escondia-se por entre montes e árvores. O panorama que dali se disfrutava mais o fenómeno deslumbrante do poente, tão lindo, quase me distraía a conversa. E não resisti: «Pai Américo, olhe que lindo!» Por resposta, um sorriso. Às vezes respondia assim, a sorrir. Ora nesse dia inolvidável e na formosa sacada eu vim a saber como e porquê veio à luz «O Gaiato». Muito simples: uma força irresistível dominara Pai Américo — dizer a Verdade. Apregoar a Verdade. Mas a Verdade sem rodeios. A Verdade toda. Pura e simples. Pai Américo ainda a Obra da Rua não era e já escrevia, comunicava o resultado da sua experiência pelos arraiais da Miséria. Doutrina forte, para estômagos não preparados. E vá por isso os jornais «tinham medo. Medo do que eu dizia». E em tom solene, acrescenta: «Eu não tinha medo nenhum. Medo de quê?» E mais adiante: «Desde princípio quis ter um jornal. Ser independente».

O tempo passa. A Obra cresce. Paço de Sousa surge como uma fúscula. O mundo vê, com espanto, os primeiros edifícios da nossa «aldeia». E em 5 de Março de 1944 Pai Américo lança o complemento admirável da nossa Obra — «O Gaiato». Agora sim. Está em sua casa. Pode dizer o que faz, o que sente, os planos que alimenta. Sem restrições. Abertamente. O jornal

### Uma inauguração

No dia das Cinco Chagas de Cristo demos entrada no novo Lar de Lisboa, Rua dos Navegantes 34, rés-do-chão. A caminhada foi longa e penosa. Durou anos. E não cuidem que parou, porquanto não é definitiva, se bem que para já suficiente, a casa actual. Com isto deponho aqui uma triste verdade: não há casas para famílias numerosas. Os edifícios tomam proporções gigantescas e cores belas, mas não passam de pensões. Dividem-se os pisos para dois ou três agregados familiares, acabando por ninguém ficar servido. Andar nos ares o conhecido de que não são precisas casas grandes. Ora nós contestamos. Em nome das famílias numerosas reclamamos casas adequadas.

Padre Baptista

é o púlpito ambicionado. Única e exclusivamente da Causa, a Santa Causa da Obra da Rua. De mais nada. De mais ninguém.

\*\*\*

Hoje é dia de saudade. Pela primeira vez festejamos um aniversário do «Famoso» — décimo terceiro — sem a presença física de Pai Américo. Porém, espiritualmente, a sua presença é a maior de sempre. Nós acreditamos firmemente na Comunicação dos Santos. Ele está aqui. No jornal, na Obra, nos nossos corações. Ele é. Ele será. Até sempre. Sobretudo no seu «Gaiato». Deixem chamar-lhe «seu». Fora o seu diário. Tudo o que sentira, tudo o que vira, tudo o que realizara, tudo o que a sua alma tinha de Belo: as Obras, a Doutrina, o estilo da sua palavra inconfundível enchem páginas e páginas maravilhosas do nosso «Famoso». «O Gaiato» fora Ele. Ele, «O Gaiato». Identificavam-se. Porquê? Vivia o que escrevia. Escrevia o que vivia. E quando se escreve com a alma a palavra vibra, toma uma forma bem mais diferente. É a alma a falar.

Temos uma rota. «O Gaiato» tem uma rota. Traçada por Deus, executada por Pai Américo:

«Não é jornal de feições. Não alimenta interesses. Não defende uma região. «O Gaiato» não conhece ninguém. Nunca se leu aqui um nome. Nunca um retrato. Jamais uma nota biográfica. Então quê? Não sei. Não dou fé. Digo o que ele não é; avante não sei o caminho. Não sei mesmo se as legiões de leitores são capazes de o definir; não sei. E contudo, apreciam-no. Têm fome. Se o jornal tarda, aí vem o postal — olhe que não recebi».

É assim «O Gaiato». Hoje é dia de saudade. Sabíamos aproveitá-lo. Fazemos um Acto de Fé. Fé nos destinos da Obra e do nosso querido «O Gaiato». Na sua função social e divina. Não fosse assim e já não seriam. E não seriam logo de princípio. Acto de Fé. Sim. A vida extraordinária de Pai Américo como Padre da Rua, foi um constante Acto de Fé. Para Ele jamais houve impedições. Todas as barreiras se desmoronaram. Porquê? Assim como naquele tempo, hoje, também. É o Santíssimo Nome de Jesus. Tudo o que os nossos olhos vêem e que extasia tantos portugueses tem aqui a sua razão de ser. Fé sem limites no Santíssimo Nome de Jesus.

Júlio Mendes

## Facetas de uma Vida

Foi em Coimbra. Na esquina, uma placa a dizer o nome do sítio: «Palácios Confusos». Ele subia aquela escada, e eu desembocava da Rua da Ilha.

Estou a vê-lo, sua capa trágica, cabeça descoberta, cabelo à escovinha, naquela sua típica maneira.

Ja comigo o Doutor Sousa Soares, depois de uma reunião beneditina em casa das Criaditas dos Pobres.

— Já conhece o Padre Américo?

— De vista ainda não.

— Vem ali. Vou-lho apresentar.

Cumprimentos. Onde és, donde não és... Éramos primos!

Mas eu tinha abandonado o mundo, perdão, o mundo tinha-me abandonado aos onze anos e o Senhor tomara conta de mim. E daí, não conhecia ninguém.

Foi assim, desta maneira, que eu conheci o Padre Américo.

\*\*\*

Muito antes deste bem agradável encontro, já eu encontrara no campo comum dumas pesquisas históricas, o irmão mais velho do P. Américo — P. José Monteiro de Aguiar. Carteávamo-nos bastante. Depois da descoberta do nosso parentesco nos Palácios Confusos, a primeira carta que escrevi ao P. José começava, sem qualquer explicação prévia, por «Meu querido primo».

Ficou alvoroçado. Dados os devidos esclarecimentos, logo o P. José me mandou a comum genealogia, com algumas notas explicativas e pormenores pessoais, um dos quais transcrevo:

«Seu avô era gago, seu tio Dr. P. Bernardo gago era, o irmão da minha mãe gaguejava, seus primos P. Américo e P. Zé também gaguejam, mas procuram disfarçar essa nobilíssima virtude ancestral falando devagar. Eu lamento não ser gago o P. Gabriel, para prova da sua descendência!»

«Cá o espero, de braços abertos e com um ardente xi, para as festas do Natal. E então, à luz da candeia, ao borralho da lareira falaremos de tantas coisas interessantes, passadas, presentes e futuras, e celebraremos familiarmente a nossa «primação», real e efectiva — e afectuosa».

Eu estava, naquela altura, na Cela de S. Bento da Vicária, do Porto. Fora manda-



do para tomar conta da formosa Igreja monástica e abrir a residência.

Também por então Padre Américo começava o seu apos-  
Continua na página três

## UM PROTESTO

Eu já me acanho de pedir o concurso de quem pode barrar a torrente das manifestações de mau gosto em torno de Pai Américo, de tantas e tais que elas são.

A última que soube, foi a do café, a do café «Gaiato». Uma embalagem com cevada e, de um e outro lado o retrato de Pai Américo. Ele são mais retratos em tapetes que se pisam; ele em pratos de pendurar; ele em esculturas que só a legenda nos diz quem se quereria que fôsse... Antes do Natal fomos solicitados por uma oficina da especialidade, para a confecção duma medalhinha esmaltada a usar nos brindes do bolo-rei de certa Pastelaria.

Para amostra do género de trabalho traziam um pinguim e um pato, que foram prendas de outros anos.

Quase todos se encapam com um sentido falso de homenagem e outro ainda mais falso de benemerência: «Os lucros, ou percentagem deles, serão para a Casa do Gaiato».

Estas propostas nem sequer são novas. Pai Américo foi muitas vezes abordado por iniciativas semelhantes. É a sua resposta que nós repetimos de cada vez: «Negócios... nem com o Vaticano».

Mas o que mais entristece é esta falta do senso dos valores. Trata-se Pai Américo em pé de igualdade com os «heróis» do ciclismo ou do futebol ou com as cantadeiras de fado. Serão aqueles e estas, porventura, figuras nacionais no momento que voa. Porém, Pai Américo não o é da mesma espécie. A sua envergadura é de outra estirpe e não é de passar com o momento que voa. Por isso, que o deixem estes falsos homenageadores e guardem para ocasiões oportunas, que não hão-de faltar, os testemunhos da sua admiração, discretos e dignos do Pai Américo e do seu bom gosto.

E, porque são tantas e tais as manifestações infelizes que exploram o prestígio do seu nome, aqui deixamos, esperançosos, o nosso protesto.

# CALVÁRIO

Queremos antes de mais, dar notícias da primeira «pedra viva» do nosso Calvário. É o «General». Ele continua na Misericórdia do Porto e as novas não são risonhas. Em cada visita, o encontramos mais definhado. Há semanas já que não anda, nem pode andar.

As transfusões têm tido fraco êxito. Os enxertos supõem sã a planta bravia. Ora o sangue dele está tão fraco que não deixa «pegar» o alheio que lhe injectam. A última vez estava recebendo soro. E o lençol e o rosto diziam a hemorragia que tinha sido a noite anterior. Que Deus o guarde e o ensine a aproveitar seu grande sofrimento.

\*\*\* Agora damos notícias das pedras que os pedreiros fazem e colocam.

O Hospital entrou naquela fase de acabamento em que o trabalho pouco luz. Queríamos muito que ele estivesse pronto a meio do ano. Esperamos que mestres trolhas e mestres carpinteiros não sejam de outro querer.

Novo edifício começa a surgir: é a Capela. A Capela dos doentes, feita do velho espiçeiro. Ficou implantada no terreno a última vez que lá estive. Os pilares de suporte estão prontos. As outras pedras também. Será um instantinho o levantar delas. Um instantinho que a nossa pressa de ver o fim de tudo nos fará parecer longa temporada.

\*\*\* E é a vez de dizermos das outras «pedras» que aqui vêm dar, com que levantamos as que os pedreiros fazem e colocam e sustentamos as «pedras-vivas» por amor e força das quais as outras são.

Começamos pelos do costume. É o «amando os homens por amor a Deus...» e aquela Mãe «que muito quer à Obra» e as mensalidades de Julho a Dezembro passados, do assinante 12.032 e 20\$ referentes a Janeiro, dum amigo do Júlio, e o mesmo de «uma pecadora» e outra vez da «doente para doentes».

De Viseu, chegam 100\$00, apressadamente, «pois não quero que se acabe a Obra sem que eu tenha aí um pequenino quinhão». Descanse esta nossa boa amiga e vá lá arranjando outros quinhões que até ao lavar dos cestos é vindima!

Em Lisboa, Montepio Geral, foram deixados por quem Deus sabe, 1.200\$, mais 200\$, mais 100\$ e outros 100\$.

Cinco jogos de cama e 50\$ «por Deus ter dado muita saúde à minha filha». Ele lha conserve. Mil não sei de aonde. Metade de Lourenço Marques e mais ao norte é a Beira com 50\$. É o senhor ou a senhora Cruz, que os nossos vicentinos do Lar conhecem muito bem.

Matozinhos, 100\$ e o mesmo do Porto, mais uma mesinha e cama de tratamentos. Cinco contos deixados no Espelho da Moda e 20 trazidos de Viana pelo nosso Banana. Abrantes com 100, Melgaço

com metade e o mesmo, mais 20\$ da Madalena; 450\$ de Chaves; 20\$ «para um bocadinho de cal no Hospital do Calvário», outro tanto de Ovar; 200\$00 de quem envia mais 300 «para o desgraçado de Ordins que paga 24% de juros».

## Casas para Trabalhadores

Nunca esquecer: Cada um, e neste caso cada grupo, tomará consciência da seriedade da vida e da gravidade de muitos dos seus problemas. Formaremos os rapazes no culto da própria responsabilidade e seremos exigentes com eles. A educação à base das facilidades não resulta. Importa lembrar e tornar a lembrar. A auto-construção é uma empresa difícilíssima. Havemos de repetir isto muitas e muitas vezes.

Exige vontade, disciplina, economia, sacrifícios, solidariedade, persistência, capacidade de compreender e ainda do perdoar. «Trabalhar em grupo não é a mesma coisa que trabalhar só». Como condição fundamental exige-se em cada equipa de trabalhadores que, por via de regra não serão menos de oito nem mais de doze, — «um chefe».

Esse chefe será eleito por eles e há-de mandar indirectamente, sem discutir, sem tomar ares de superioridade. Só há um caminho: «Ser competente, ser justo e ser bom». Estas três qualidades, Competência, Justiça e Bondade têm de existir ao mesmo tempo e no mesmo rapaz. De contrário nunca terá autoridade, nunca será chefe, nunca existirá auto-construção, obra de rapazes, pelos rapazes, para rapazes.

Não digamos que isto é requerer o impossível. Não. Existem rapazes destes em toda a parte. A acção social os ajudará a formar. Ao fim dos trabalhos haverá um progresso imenso.

Evidentemente todo o grupo terá de ter um «assistente moral» que, a maior parte das vezes, será o pároco da freguesia. Será apenas um assistente que deixará ao chefe e a todos os membros da equipa a maior «liberdade e responsabilidade» possível.

Logo depois dos primeiros encontros, que nunca serão entre todos, mas entre dois ou três dos membros, definem-se pormenorizadamente as obrigações e os direitos. Ideias bem claras: As casas serão feitas com a ajuda de todos os membros do grupo; serão feitas ao mesmo tempo e nenhum habitará a sua sem estarem todas concluídas; ficarão propriedade plena deles mesmos sem encargos alguns; para o efeito tanto renderá o trabalho de A ou de B; em princípio, quem desistir perde o fruto do trabalho a não ser que todos, por escrito, concordem

Continua na página três

# VISTAS DE DENTRO

\*\*\* Agora menos, mas ainda é raro o dia que não dou uma volta pela nossa aldeia. Como a rouparia fica nos baixos do hospital, succede que se há doentes, também lá meto o nariz, apesar de ali ser feudo das senhoras.

Ora outro dia fui atraído pelo ruído que de lá vinha. Ele era u...á, u...á, de bebé; ele risadas; ele gritinhos... Fui e vi. Era o Avelinito. A Mãe tinha ido às compras e



Fui e vi. Era o Avelinito.

deixara-o ali aos cuidados da tia. O pior é que não era só a tia. Ninguém botava sentido ao trabalho. Senhoras e rapazes, tudo rodeava o menino.

Eu soube que era mais vezes assim e fiz um grande pé de vento. Que ali não é creche; que é um lugar de trabalho; e disse e disse e disse, à maneira de Pai Américo.

Não sei se os meus ralhos cairam em cesto roto... Mas, se a porta da rouparia se lhe fechou, a Mãe pode trazer-mo ao escritório quando precisar, que ele é um paz de almas e a gente dá-se bem.

\*\*\* Hoje foi a terceira vez que ele me perguntou: «É feliz?»

Este é um rapaz precocemente sério que procura desvendar o mistério da felicidade na Cruz. Ele sabe que todos os dias sucedem coisas de fazer sofrer. E vê que brinco e canto e sou gaiato como os mais. Aprimeira vez que me interrogou, obteve uma gargalhada por resposta e por legenda dela um «sou tão feliz que não trocaria a minha vida por nenhuma». Ele é precocemente sério... Ficou a magiar! Perguntou segunda e hoje uma terceira vez.

Que Deus lhe revele o «segredo» e ele responderá três vezes ou trinta vezes três a mesma afirmação exuberante que hoje voltou a ouvir.

\*\*\* Na secção «Calvário» damos notícias do «General».

Mas ele mesmo fala de si em carta há dias recebida.

«Senhor Padre Carlos:

Em primeiro de tudo desejo-lhe uma ótima saúde na companhia de todos os rapazes.

Daqui é o «General» que escreve do Hospital de Santo António.

Agora é que eu estou a gramá-las, já não tenho aquela alegria, que tinha aí, mas seja

do ele me queria castigar. Era bom rapaz, eu é que era mau. Não sei para quem estou a escrever; mas vou pedir a quem abrir esta que a dedico a todos os rapazes que comigo trabalharam, principalmente o Daniel, que queria que ele me escrevesse.

Com isto termino esta carta de Saudade e Dor. Abraçai por mim o nosso Padre Carlos, Avelino, Sejaquim, Júlio e outros mais.

Mais tarde vos contarei a minha vida aqui nesta Ilha Terceira de Jesus Cristo.

Esta carta a gente lê-a e ajoelha. Ajoelha, sim, a dar graças pelo instante da Graça que Deus sempre manda aos de coração humilde e generoso. Humilde — «Não sou bem aquilo que vocês esperavam». Generoso — «Ainda me lembro quando ele me queria castigar. Era bom rapaz, eu é que era mau».

Não sei se o Daniel já te escreveu, Rogério. Mas eu aqui te respondo. O nosso grupo ainda joga (às vezes bastante mal!). Muitos dos que deixaste pequenos estão na verdade uns homens. Na Tipografia é o Júlio quem manda, mas o chefe maior é o Augusto.

Obrigado pelos teus abraços. Obrigado pela tua saudade. A grande surpresa que vais encontrar quando vieres é a presença em cada um de nós de Pai Américo. Deus te guie nessa «Ilha Terceira de Jesus Cristo».

\*\*\* Joaquim Bonifácio é o meu secretário. Era, melhor direi. Eu pensava que ele vivia muito seguro da dignidade do seu recente cargo, quando há dias me retorquiu que «isto de ser secretário não vale nada». Eu fiquei surpreso e triste. Quis remediar. Vá-le-me um contacto com a vida oficial em que também agora me inicio.

Aproveitei a oportunidade daquele encontro e resolvi promovê-lo a Chefe de Gabinete. Vamos a ver se agora se contenta...

O pior foi que dias depois eu chamava por ele pró trabalho e Tomar nada! Fui ver. Estava brincando com um automóvel de corda. Resta dizer que já foi dar o nome à tropa.

\*\*\* Eu não sou de anedotas, mas esta foi mesmo.

Tomar e eu fomos por aí fora em visitas a casas do Património.

Tivemos um furo. Pusemos o pneu a remendar e seguimos viagem esquecidos de ir buscá-lo. Quando dei fé, fartei-me de ralar. Ele entupiu um pouco mas depressa remediou: «Deixe lá. Eu tenho ali na mala um fato-macaco».

\*\*\* «Ratinho» que agora voltou a chamar-se Carlos, veio hoje pedir-me uma boleia no regresso de Beire.

— Que vais fazer a Paço de Sousa?

— Vou podar as árvores. «Ratinho» andou umas semanas num curso de poda e

Continua na página três

# PELAS CASAS DO GAIATO

# Facetas de uma Vida

— Continuação da primeira página —

## LAR DO PORTO

Amigos leitores a nossa Conferência vai agora sentir a falta dum elemento que dispensou sempre o melhor carinho às Conferências da Casa do Gaiato, Suiu o Carlos Veloso que já é pai de 2 filhos e, como a Conferência exige certos sacrificios, este teve de abandonar a nossa Conferência Vicentina, Carlos Veloso, a Conferência e os Pobres muito te devem; Deus te pague tudo o que fizeste.

Amigos leitores, queremos continuar com a nossa iniciativa «Tenha o seu Pobre». Já contamos com diversos amigos leitores, e esperamos que o fogo alastre por todo o País e Ilhas, para nós em vez de socorrermos 20, passarmos a socorrer 40. Pois nós não dormimos à sombra dos louros colhidos.

Agora queria registar aqui alguns donativos. Assinante 33.580, 20\$00. Uma Portuense desconhecida envia 60\$00; oxalá que todas fossem desconhecidas como esta. De Coimbra recebemos da anónima habitual 100\$ «para o meu pobre», 10\$00 que são a sobra duma assinatura. Da Campanha do meu pobre, 40\$00 referentes ao mês de Fevereiro. Da Beira recebemos 150\$00 para o mesmo fim. Nem a distância encontra fronteiras para socorrer os nossos irmãos pobres. «Uma amiguinha» que envia 50\$00, e «sempre que possa aparecer». Que palavras!... Pedimos ao Pai Celeste que a ajude para podermos contar sempre com estas doçuras.

E por fim um senhor de Lisboa. A carta é tão linda! Pena é, que seja um pouco grande, pois se fosse mais pequena havia de vir publicada no nosso jornal. Este senhor pe-

de no entanto para que se não publique o nome dele no nosso Jornal. Aqui descrevo uma pequena parte da carta:

«Assim, desejo ter o meu «pobre». A Conferência, enviarei todos os meses a indicada importância 100\$00. Permito-me, porém, fazer um pedido: Em caso algum será feita qualquer referência ao meu nome. Que maneira de dar tão linda dar assim mas que ninguém saiba o que eu dei, isto é à maneira do Pai Américo. Por hoje mais nada.

João Luciano

## PAÇO DE SOUSA

—O Avelino Pequeno, trato-o assim por ser o filho do Avelino da Administração do «Famoso», aquele com quem os senhores tanto têm ralhado por via do jornal.

Pois está de parabéns, ao completar um ano de existência. Sendo o Avelino pai nosso irmão, é evidente que o filho é nosso sobrinho e por isso temos razão de sobra para fazer festa. O pessoal da Redacção e o Sr. Padre Carlos foram convidados e jantaram em casa do Avelino. E parece-me que os convidados apreciaram muito a jantaram e ficaram com pena da coisa não se repetir mais amiudadas vezes! Só se passassem a festejar os meses, mas isto ficava azedo aos Avelinos!

Que possamos festejar muitos mais para nosso contentamento e dos felizes pais.

Ad multos annos.

—A Redacção e tipografia cá do periódico estão embandeiradas pela passagem de mais um aniversário. É o décimo terceiro de publicação ininterrupta. É a nossa grande certeza, dos Pobres e operários nacionais, que vêm pelas suas janelas a verdadeira luz do dia, sem que nenhuma nuvem se atravesse. É pela janela da Verdade que se vê a luz do Bem.

Com grande alegria acabamos de dar o último passo no décimo terceiro e ainda com mais força, mais vigor, damos o primeiro neste décimo quarto.

Estamos à espera da Johannesburg para podermos dar nova feição ao menino que por direito próprio já é homem e pensa como os demais.

Todos estão muito alegres por mais este grande passo dado em frente. E todos os amigos assinantes estão contentes e vão mandar suas cestinhas de prendas pois apesar do menino já ser bastante crescido também gosta de lambarices e coisas boas. Cá ficamos a aguardar as vossas ordens!

Neste momento de euforia não podemos deixar de agradecer a todos os colegas da imprensa que nos têm honrado com suas transcrições, palavras amigas, incitando-nos a prosseguir na cruzada ensinada pelo Mestre.

Muito obrigado a todos, mas muito especialmente ao «Notícias», de Lourenço Marques, «Templários», de Tomar, «Litorals», de Aveiro, «Noticias da Covilhã», «Noticias de Chaves», «Linhas de Elvas», e muitos mais que não podemos enumerar por absoluta falta de espaço. A todos o nosso muito e muito obrigado.

Daniel Borges da Silva

## TOJAL

—Grupo Desportivo. Venho por intermédio desta crónica lembrar os leitores e futebolistas, que o nosso grupo ainda não acabou, mas não tardará a acabar devido à falta de equipamentos. Por agora, vamos rompendo os restos, porque o sapateiro não mais lhe deita a mão. Agora andamos com elas até acabarem. Já devem estar adivinhando o nosso desejo. Sim, que nos façam um jeitinho, pois precisamos de artigos futebolísticos. Primeiramente uma bola, seria o nosso maior desejo, em seguida equipamentos, chuteiras e tudo o mais que nesses grupos não sirva, mandem que para nós é novo. Deus está em cima e vê os de boa vontade e tudo premiará. E desta maneira nos são favoráveis todas as ajudas porque interessam à formação de homens de amanhã. O futebol, sendo bem praticado, instrui e ajuda na cultura moral e física.

Temos feito vários desafios. Entre eles temos conseguido bons resultados. Só perdemos uma vez por 5-3. Como é costume fazer no fim do ano eleições, assim as fizemos à qual presidiu o Senhor P.e Sobral.

Agora estamos esperando pelo grupo que nos oferecerá as chuteiras, que é o mais necessitado neste momento. Mas também não se esqueçam do resto.

Com confiança esperamos pelas ofertas para podermos continuar os nossos jogos.

Lembro ainda aos grupos que nos queiram defrontar que cá os esperamos, para fazer uns desafios amigáveis.

Mas, notem bem: Se os grupos aparecem antes de as chuteiras desejadas, não sei o que será... Vejam lá primeiro as chuteiras.

Não deixem, pois, ficar mal o apelo do nosso Secretário. Se não o conhecem, aí vai o nome: Fernando Manuel dos Santos «Santarém».

Depois da crónica feita, perguntei ao nosso Padre Sobral se era preciso pedir alguma coisa.

Respondeu-me: — Diz a essa boa gente que precisamos de um gravador.

Quem responde ao pedido do Sr. P.e Sobral?

—O nosso nabal foi alvo da malta quando o apetite apertava; era só vê-los a comer nabos crus como se fosse algum aceipe da moda e por causa dos nabos ainda tivemos uns dias a gramá-las; no lugar de comermos boa sopa de nabo, comíamos sopa de raspar. Mas o mau bocado passou, e para desforra é quase todos os dias sopa de nabo.

Oscar Manuel G. Silva

## LAR DE COIMBRA

Há muito tempo que esperava com ansiedade uma ocasião para voltar a escrever a crónica deste nosso Lar.

Em primeiro lugar, não posso deixar de agradecer em nome dos nossos Pobres a todos os conimbricenses que colaboraram e contribuíram para o Natal daqueles que nada têm.

Por intermédio de algumas circulares enviadas a particulares recebemos donativos, não só em dinheiro, como também géneros e utensílios que encarecidamente agradecemos.

Do Senhor Arcebispo 200\$; do Governo Civil idem; União do Grémio de Lojistas 50\$; de estabelecimentos 280\$40; mais 75\$; roupas, mercearia, utensílios, brinquedos, etc.

Pudemos assim dar aqueles que certamente não sabem o que é a alegria e o conforto duma noite de Natal, um pouquinho da nossa alegria e do nosso conforto, graças à generosidade de todos os que com a sua dádiva contribuíram para esse fim.

É pois em nome dos nossos Pobres que sinceramente agradecemos, embora reconhecamos que não é a nós que compete recompensar ou agradecer, (porque estas coisas nem se agradecem) mas sim Aquele por amor do qual são feitas estas obras.

Resta-me dizer que não é só no Natal que a nossa Conferência trabalha em auxílio dos desamparados, mas sim durante todo o ano. Por este motivo eu peço a todos os «de boa vontade», que se lembrem dos nossos irmãos Pobres.

Ainda agora começámos a socorrer uma família de extrema necessidade. O Pai, doente dos pulmões, está sem trabalho. A mãe com sete filhinhos e vésperas de oito. O filho mais velho tem 16 anos e está também sem trabalho. Vivem numa casita pequenissima feita pelo marido, mas em terreno alheio do qual paga muma renda que está com 19 meses de atraso, tendo já recebido ordem de despejo. A sua alimentação é um bocado de pão com café, quando o tem. Urge, pois, ajudar esta família e resolver-lhe o problema da habitação. O atraso da renda vai para além das nossas posses actuais, e, por isso, não vos esqueçeis com os vossos donativos.

—Aproveito agora também para agradecer à Empresa do Teatro Avenida e do Cinema Tivoli e ainda à Associação de Futebol de Coimbra que são incapazes de nos escusar a entrada grátis nas respectivas casas de espectáculos e no Estádio Municipal.

É pena que o mesmo não suceda com o Cinema Sousa Bastos. Vamos lá a ver se estes senhores seguem o exemplo dos seus colegas. Há dias fomos ver o filme «Sissi» de que gostamos muito. Foi pena termos de pagar os bilhetes, contudo não demos o dinheiro por mal empregado.

Carlos Manuel Trindade

tolado no Porto, tomando conta do velho mosteiro beneditino de Paço de Sousa. Sucedeu encontrarmos-nos, uma vez ou outra, nas mesmas ruas, em contacto com as mesmas misérias, irmanados no mesmo ideal caridoso («si licet parva componere magni»). Duma feita, convidei-o para ir comer o caldo comigo, na modestíssima residência que acabava de instalar sobre o braço direito da cruz transeptal da igreja. Foi, eu era só, com um irmão religioso, e a casa ainda cheirava a fresco.

Conversamos. Cai em lhe dizer dos meus apuros financeiros, pois a obra custara dinheiro, um dinheiro que eu não tinha, e essa circunstância, para um religioso que a obediência podia de repente fazer regressar ao claustro, trazia-me preocupado.

—«O quê? Preocupado com dinheiro? Um Padre não se prende com isso! Obras com dinheiro, qu'enquer as faz. A graça é fazê-las sem ele».

De facto.

Quando, depois, fui eleito Abade de Singeverga, desejei ir passar uns dias recolhido na Casa da mata, que o Padre Américo fizera para si, na cerca de Paço de Sousa.

«Meu querido Primo:

Sim! Marquei o dia na m/agenda, uma sexta feira. Pão e caldo.

E agora, espero ansiosamente.

Primo m.to amigo,  
P.e Américo».

Neste estilo, assim, conservo dele muitos recados. Eu pelo menos gostava desta ausência de palavras inexpressivas.

Ele tinha a preocupação de não ser incómodo. A sua presença amiga e a sua conversa tão interessante rodeavam-se

duma discreção tal que nunca d hópede se enfadava e sempre gostaria continuar.

\*\*\*

O Padre Américo tinha a «sua» Obra. Via de regra, quem tem a «sua» obra não vê mais nada, nem considera nenhuma outra. Impressionou-me sempre que, sob este aspecto como sob tantos outros, P.e Américo fosse «excepcional».

Quando me encontrava, nunca falava da sua Obra, mas sempre da minha, é dizer, daquela que eu tinha a peito. Delicadeza rara. De resto, todos sabem como ele dava guarida no seu jornal — «O Gaiato», o Famoso — a toda iniciativa generosa, fosse de quem fosse.

Pois, como ia dizendo, havia uma obra que P.e Américo dizia «minha» e de que ele tinha alguma «culpa»: a construção do Mosteiro novo de Singeverga.

—«Tem de ser, dizia. É preciso começar».

—«Olhe, primo o essencial é ter fé!».

«Fé» tinha-a o P.e Américo em grau perfeito. Nem, doutro modo, seria tão excelsa a sua «Caridade».

Da maneira como ele entrelaçava, na sua espiritualidade, as duas virtudes teológicas, diz eloquentemente um episódio, relacionado ainda com a construção referida.

—«Isso também é casa de pobres, e eu vou carrear a minha pedra. É simples: eu arranjo dinheiro, vós fazeis casas para os pobres, e Deus dá-vos com que fazer a vossa».

Realmente simples. Mas divino!

† Gabriel, Ab. O. S. B.

## Vistas de dentro

— Continuação da página dois —

hoje ei-lo aí, empoleirado numa escada, de tesoura e serra na mão, a podar.

Oh sabor dos frutos que vão ser, assim vivificados pela seiva que a mão do nosso Carlos lhes reservou!

\*\*\* Há dias foram as eleições no Lar. Antes fez-se uma breve consulta à assembleia eleitoral sobre quem deveria ser proposto à eleição. Houve de todas as respostas. Até estas duas:

«Não há competente, não há» e «que fique o mais duro».

Ora saibam os senhores que desde os optimistas aos «velhos do Restelo», passando pelos adeptos dos métodos espartanos, de tudo há e tudo é a Casa do Gaiato.

## CASAS PARA TRABALHADORES

Cont. da seg. Pág.

em solução diferente; o prazo de construção irá de três a cinco anos; todas as casas terão divisões para uma família numerosa, isto é, ao menos quatro quartos, uma cozinha, uma sala de jantar e um quarto de banho; por último todas as casas terão algum terreno à volta para umas pequenas árvores e para lojas de animais. O movimento de casas para trabalhadores tem em conta que o indivíduo só se defenderá na sociedade por meio duma família bem constituída. Não querará casas que sejam um atentado contra a família. Não será um programa impossível? Talvez seja este o único viável!

P.e FONSECA

## Tribuna de Coimbra

Cont. da página quatro

dos, organizações, tudo. Só tem faltado a acção. O dinheiro tem sido morto e os homens, muitas vezes por causa dele, mortos também.

As nossas Casas do Povo, que foram criadas com tão bom destino, na sua quase totalidade, não têm realizado o seu fim. Os meios têm falhado. E hoje é precisamente a classe rural a mais abandonada. Vamos em seu auxílio.

As palavras do Senhor Dr. Veiga de Macedo são palavras para nós cheias de esperança. Nós estamos a trabalhar no mesmo campo e com o mesmo fim.

Como ele também todos nós esperamos na boa vontade dos Senhores Ministros das Finanças e do Interior, para que isentem o Património dos Pobres dos impostos e licenças ao Estado.

Não queremos ouvir mais da boca dos obreiros sociais

a favor dos Pobres as palavras escritas nesta carta: «...assim não irei mais além». Embora venha logo o contraste: «Seja o que Deus quiser pois n'Ele inteiramente confio».

Todos nós confiamos.

Padre Horácio

## Pneus

A Mabor estava na mesma disposição quando há dias lhe batemos à porta por «calçado» novo prá nossa furgoneta.

O purgatório dos furos continuados acabou. O perigo das derrapagens, nesta quadra de neves e de chuva, diminuiu.

Deus pague à Mabor o tempo que nos poupa e os cuidados que nos tira.

# DOCTRINA

Nós sabíamos que o problema estava em boas mãos e cedo haviam de surgir as soluções gestadas. O telegrama do Sr. Doutor Veiga de Macedo quando Pai Américo partiu era um penhor: «Asseguro não esquecer a grandiosa obra habitação para os humildes».

Ei-la, a promessa cumprida, na proposta da Lei há dias anunciada pelo Sr. Ministro das Corporações.

E, se nos permitem, volveremos quatro anos e meio atrás.

O Estado apresentará à Nação o 1.º Plano de Fomento a realizar de 1953 a 58. Investiam-se nele grandes capitais e «1 milhão e 400 mil contos dos 9 milhões que o Plano requer (justamente a maior verba depois do orçamento estadual), provinhem das Instituições de Previdência».

Isto causou-nos surpresa, que confessámos sob a rubrica «Aqui Lisboa» em 11 de Outubro de 1952. Parecia-nos que os bens daquelas Instituições não deviam ser comprometidos em ordem à produção de fontes de riqueza, mais do que a da própria riqueza (aliás, «óptimo alicerce do futuro»), sem que primeiro elas tivessem cumprido mais perfeitamente o seu fim específico e primário de «prever e prover às necessidades dos seus associados». E atreviamos-nos a perguntar: «Não será isto um desvio da finalidade da Previdência Social?»

A proposta de Lei que agora nos é dada confirma e resolve perfeitamente esta nossa interrogação.

Ao apresentá-la, o Senhor Ministro sublinha o valor social da habitação e as mais consequências da falta dela. Infelizmente os capitais particulares não têm acorrido a esta empresa da habitação dos humildes por falta de juro tentador. E assim, amontoam perigos sobre suas próprias cabeças, e sobre as nossas, por não darem aos bens, que legitimamente dizem seus, o uso social que lhes compete por direito divino. Triste sintoma da fraca consciência cristã dos nossos dias, mais prisioneira da letra da Lei, do que livre cultora do seu espírito. «Daí a necessidade de mais acentuado esforço colectivo para se enfrentar, com maior eficiência, tão delicada questão. E, se a questão é social, parece indiscutível que cabe aos capitais da origem e sentido sociais o dever de concorrerem, antes de mais, para atenuar, nas suas causas e nos seus efeitos, esta melindrosa situação».

«...antes de mais...» Agora sim, também nos parece indiscutível, porque são bens «de origem e sentido sociais» a realizarem o seu fim próprio e primário na frutificação em bens da mesma espécie. Em bens que são mesmo, de sua natureza, reprodutivos, pois que quanto aqui se empenha em prever acolá se economiza em prover. O factor sanidade é um exemplo

evidente. E outros, de espécie moral, tornam-se tais, logo que sabemos que a indigência de tantas famílias lhes vem de vícios nascidos da falta dum lar.

Isto é a justa distribuição de um «dividendo» aos humildes «accionistas» anónimos que subscrevem, na maioria dos casos obrigatoriamente, tão avultados capitais. E, sem o sacrifício exagerado da geração presente, trabalha-se em verdade por dias melhores para os vindouros, que encontrarão ao nascer um clima social mais saudável, onde as potencialidades natas de cada um podem produzir frutos em qualidade e abundância.

## Tribuna de Coimbra

Começamos por dar testemunho da heroicidade de um obreiro do Património dos Pobres. Vejamos esta carta:

«A voz do querido Padre Américo lancei mãos à obra. As dificuldades já mais deixaram de aparecer. Primeiramente foi a história do terreno. Ninguém nos ofereceu! Comprámo-lo e tivemos que pagar todos os impostos às Finanças. Quando tudo estava pronto, fomos informados que naquele local ia ser aberta uma rua e depois só poderiam ser edificados «chalets».

Tivemos de vender o terreno e lá ficou parte dele. A Câmara cedeu-nos gratuitamente uma parcela, mas quando fomos para tratar da doação pediram-nos 8.000\$00 de imposto e tivemos de o comprar.

Agora que as casas estão exteriormente terminadas, aparece-nos um fiscal a pedir a licença das obras.

Pensava construir duas ou quatro por ano, mas assim não irei mais além. Seja o que Deus quiser, pois n'Ele inteiramente confio».

Pusemos a carta em cima da mesa e fomos por aí fora levar um pouco de alento àquele Pároco e dizer-lhe que são estes os caminhos das Obras de Deus. São caminhos tortos e difíceis, mas são d'Ele!

Falámos com o Sr. Presidente da Câmara que está cheio de boa vontade, mas que não há leis que isentem destas formalidades. Nas Finanças dizem-nos do mesmo modo.

Como este caso, há muitos por esse Portugal além.

Nós respondemos que estamos a construir uma obra verdadeiramente nacional e que temos todos de dar as mãos, para que a obra seja cunhada por esta união na Caridade Cristã.

Nesta mesma data o Sr. Ministro das Corporações falou à Imprensa sobre o importante problema da habitação e disse:

«Espera-se poder colocar, na medida do possível, milhares da previdência à dis-

posição do trabalhador para que este construa a sua casa e possa, assim, ascender à propriedade e viver, com os seus, em ambiente digno e saudável».

O Senhor Ministro chama para esta campanha tão urgente a cooperação das instituições de previdência, das Casas do Povo e suas federações e do Fundo Nacional do Abono de Família.

Nós temos em Portugal todos os dados para a resolução desta dificuldade. Não precisamos de ir fora ver como se faz ou que leis regem. Temos cá tudo: leis, dinheiro, método.

Foi assim que Deus «viu» o mundo quando o fez. Não queiram os homens ver por outros olhos.

Continua na página três

do «filho que barrega» e mais 1.000 francos belgas de Stanleyville para um doente do bairro de «Xangai».

Cem por intermédio de «O Ilhavoense»; 340\$ de M. S. N. de Lisboa, «como penhor de uma graça obtida»; 550\$ de Vila Teixeira de Sousa; e de Tondela «uma esposa e mãe» manda o produto de um trabalho que fez com bastante sacrifício. Onde, não ser precisa a importância para atestar o seu valor.

Aveiro, os 10\$00 mensais prometidos pelo aumento do marido. Dez vezes mais por alma do Pai Américo. E uma migalhinha de 20\$ de um José, de Lisboa. E o que vai dar ao Depósito dos Clérigos.

De Lisboa, outra vez, acessórios de barba e espelhos e porta-moedas e outras miudezas que farão as delícias dos que merecerem um prémio. É dum loja a cuja porta passei os 7 anos do liceu.

Mais «butter-oil» da Caritas. A farinha, a manteiga e o queijo é que estão a dar as últimas. E tem sido só aos domingos e festas!

Cinquenta de «uma Maria pecadora» e de Alcoçaca, Casa Espanhola e 20\$ do Brasil e «a dose de Fevereiro» do assinante 26.192 de Viseu.

Mais 5\$00 «das economias dum visitante de 2 anos» e mil, com esta afirmação de amor conjugal, que é outra causa de nossa alegria:

«Foi com enorme satisfação que hoje me dirigi ao correio para cumprir um pedido de minha mulher. O pedido, foi o envio da importância indicada no vale.

Agora pedimos a Deus que nos ajude para não ser esta a última vez que possamos contribuir para a grandiosa obra que Deus inspirou ao saudoso Padre Américo».

Mais as 10 toneladas de milho, tradição de há muitos anos, da F.N.P.T.

de «filho que barrega» e mais 1.000 francos belgas de Stanleyville para um doente do bairro de «Xangai».

Cem por intermédio de «O Ilhavoense»; 340\$ de M. S. N. de Lisboa, «como penhor de uma graça obtida»; 550\$ de Vila Teixeira de Sousa; e de Tondela «uma esposa e mãe» manda o produto de um trabalho que fez com bastante sacrifício. Onde, não ser precisa a importância para atestar o seu valor.

Aveiro, os 10\$00 mensais prometidos pelo aumento do marido. Dez vezes mais por alma do Pai Américo. E uma migalhinha de 20\$ de um José, de Lisboa. E o que vai dar ao Depósito dos Clérigos.

De Lisboa, outra vez, acessórios de barba e espelhos e porta-moedas e outras miudezas que farão as delícias dos que merecerem um prémio. É dum loja a cuja porta passei os 7 anos do liceu.

Mais «butter-oil» da Caritas. A farinha, a manteiga e o queijo é que estão a dar as últimas. E tem sido só aos domingos e festas!

Cinquenta de «uma Maria pecadora» e de Alcoçaca, Casa Espanhola e 20\$ do Brasil e «a dose de Fevereiro» do assinante 26.192 de Viseu.

Mais 5\$00 «das economias dum visitante de 2 anos» e mil, com esta afirmação de amor conjugal, que é outra causa de nossa alegria:

«Foi com enorme satisfação que hoje me dirigi ao correio para cumprir um pedido de minha mulher. O pedido, foi o envio da importância indicada no vale.

Agora pedimos a Deus que nos ajude para não ser esta a última vez que possamos contribuir para a grandiosa obra que Deus inspirou ao saudoso Padre Américo».

Mais as 10 toneladas de milho, tradição de há muitos anos, da F.N.P.T.

# PATRIMONIO DOS POBRES

O primeiro passo da nossa jornada foi uma Assembleia Vicentina em Gavião. O assunto foi o Património. Ouvimos religiosamente a Oração do Pai Américo em Fátima. Como então, ainda agora os nossos olhos ficam humedecidos e por vezes, a nossa consciência atormentada. Ficou a semente a germinar e esperamos que em breve dê fruto bom e abundante.

De Gavião a Castelo de Vide foi um salto. Ali tivemos muita pena daquele nosso Património Nacional tão rico e tão abandonado! As antigas casernas nos muros do Castelo com um pequeno arranjo, vão ficar habitações decentes para Pobres. Assim, não.

Tomámos a direcção de Castelo Branco. Era noite alta quando nos avistámos com o Pároco. Ele é um dos pioneiros. Atenção habitantes de Castelo Branco: dai a mão ao vosso Pároco!

No dia seguinte chegámos de manhãzinha ao Tortozendo. O Senhor Prior e Vicentinos radiantes. Quase todas as famílias das trinta e nove casas do Património se têm recuperado. Pensam na construção dum pequeno abrigo para os que esperam entrada nos sanatórios, Deus os ajude.

Na Covilhã vão mais lentamente, mas também vão.

No Teixoso estão a andar. No Paúl também.

Ultrapassando a Serra da Estrela e da Lousã, numa longa caminhada, vamos até Leiria.

Ali uma noiva no aniversário da morte do seu noivo entrega uma casa a uma família pobre. A cerimónia começou pela Santa Missa na Sé, celebrada pelo Sr. Bispo. Na entrega o Prelado agradeceu esta possibilidade de cumprir o seu dever episcopal de cuidar dos Pobres, pois no dia da Sagração assumiu este dever e prometeu cumpri-lo.

Dali rumo a Vila Verde de Figueira da Foz. Era a festa de despedida da Imagem Peregrina de N. Senhora. Organizou-se um cortejo da Igreja para as duas casas. O Senhor Bispo depois de as benzer falou às autoridades e pessoas presentes nesta lembrança viva que Nossa Senhora deixa: duas famílias felizes. Um Sr. ali presente levanta a voz e diz ao Senhor Prior que conte com mais uma casa.

Indo até ao Alentejo encontramos em Benavila a primeira entregue também na festa de despedida da imagem de Nossa Senhora. Em Estremoz está uma concluída e mais a subir. Em Amareleja dez quase prontas. Em Viana foram entregues pelo Natal nove e não seis. Viana leva a bandeira do Alentejo e vai continuar até que todos os seus mais necessitados tenham abrigo.

Descendo até ao fundo vamos encontrar seis muito airosas e muito boas em Vila Real de S.º António. Os nossos irmãos espanhóis hão-de dar bom testemunho de nós. No Algarve ainda não está ateadado este fogo. O Divino Espírito Santo há-de soprar quando fôr a hora!

Já perto de Lisboa, em Alhos Vedros, há tudo para resolver o problema local: o Pároco, os industriais de cortiça e os Pobres. Passámos e vimos boa vontade. Basta a união de todos e a obra faz-se.

Em Paredes vão começar com mais quatro. As quatro primeiras de Oeiras estão a ficar prontas. Os Vicentinos de Cacém andam atarefados a trabalhar e os de Alenquer do mesmo modo.

A primeira de Ereira está quase concluída. É a primeira do concelho de Cartaxo, mas dentro de pouco tempo vai ser muitas.

As três de S. Martinho do Porto estão só à espera que o Sr. Presidente mande fazer a ligação da água. É oferta da Câmara.

Em Mira d'Aire esperam entregar mais seis na Páscoa e depois hão-de continuar.

Em Minde trabalham para começar.

Chegámos a casa altas horas da noite, cansados, mas alegres por tudo quanto vimos e que Deus vai operando. Louvado seja.

Padre Horácio

Visado pela  
Comissão de Censura